

Os projetos mais específicos: uma pesquisa sobre a história e a geografia do espaço-tempo científico; a procura de uma determinação do papel social da ciência; pesquisas sobre as bibliotecas, jornais, revistas, instituições; uma história dos meios de difusão da ciência; uma pesquisa sobre os homens que fizeram ciência, etc. (p. 289 e sg.).

Em suma, um livro para ser lido e para tornar-se base de reflexão, além de uma leitura rica, de uma intensidade de pensamento que seria de se esperar numa verdadeira História das formas de conhecimento.

MARIA AMÉLIA DANTES.

* *

*

BARBOSA (João Alexandre). — *A tradição do impasse. Linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo. Editora Ática 1974.

Não se trata de uma análise de história da crítica brasileira, nem mesmo de um estudo sobre o pensamento de José Veríssimo, mas sim de um livro de Teoria Literária. É certo que o autor, como todo o bom historiador, fez uma pesquisa bibliográfica exaustiva, conseguiu reunir e ler toda a vasta e dispersa obra de José Veríssimo, compilando os artigos, resenhas e notas publicados em jornais e revistas, muitos dos quais não foram publicados posteriormente em livro. Esta coleta paciente permite-nos hoje conhecer realmente a totalidade da obra de José Veríssimo e possibilita assim um estudo do seu pensamento em todos os seus aspectos.

Mas esta massa documental foi desbastada em função de um problema, foi selecionada segundo um critério, e portanto uma parte não transparece no trabalho de João Alexandre Barbosa. Este não se preocupou com a totalidade dos enunciados à sua disposição, não constituiu com eles sub-sistemas de um sistema de pensamento. A análise temática ou a uma análise segundo a ordem das razões, preferiu o autor um estudo diacrônico, como se pode ver pelos títulos dos capítulos: “Uma geração constestante (1878-1890); “Um ‘grão de ironia e de cetismo’ (1891-1900)”; “A dupla face de Janus (1901-1916)”.

Recusando uma leitura de historiador, João Alexandre Barbosa pretende fazer uma leitura *atual* de José Veríssimo e considera essencial responder à seguinte pergunta: “O que significou a crítica literária para Veríssimo?”. É certo que o autor logo amplia a problemática inicial, agregando a esta outras questões: Qual o tipo de estrutura social com o qual se articula a obra do crítico? De que maneira esteve ela relacionada com o pensamento crítico-literário que a antecedeu? Qual a importância da obra de Veríssimo para o processo da literatura brasileira do seu tempo? Qual a sua repercussão posterior? Mas o fio condutor da análise permanece o mesmo, ditado pela mo-

derna teoria literária e por um dos seus problemas cruciais: a construção do “modelo” crítico.

Apesar deste propósito bem deliberado, apesar da preocupação fundamental com a elaboração de uma “linguagem” da crítica, nota-se uma duplicidade no livro de João Alexandre Barbosa, pois se por um lado se propõe fazer um estudo de Teoria Literária, por outro lado não resiste também à tentação de fazer história, talvez porque a sua noção de “modelo”, de “linguagem crítica”, ainda não se encontra no seu livro suficientemente explicitada.

Tal como o Roland Barthes dos *Essais critiques*, João Alexandre Barbosa aprendeu com os lógicos a distinguir entre *linguagem-objeto* e *meta-linguagem*, ou seja, entre a linguagem que é objeto de investigação e aquela outra linguagem, necessariamente artificial, com a qual se procede a essa investigação. Esta distinção aparece como fundamental, pois permite colocar a linguagem literária como linguagem-objeto e a linguagem crítica como meta-linguagem, e é ela que se encontra subjacente no estudo sobre José Veríssimo.

Mas será a definição apresentada por João Alexandre Barbosa suficientemente clara? “E por linguagem crítica deve-se entender não somente os mecanismos de expressão, como ainda os processos utilizados para a apreensão de objetos culturais agenciados por uma linguagem incapaz de ser captada através dos sistemas anteriores. Para usar da terminologia dos lógicos, uma meta-linguagem que pudesse penetrar a nova linguagem-objeto” (p. 78). Notemos que aqui se acentua, mais do que a *artificialidade* da linguagem crítica, o seu modo de apreensão do objeto. Daí resulta que para João Alexandre Barbosa significa praticamente o mesmo mostrar o processo de desenvolvimento das idéias do autor e mostrar o processo da evolução da sua linguagem. Ideário e linguagem crítica confundem-se, e assim se compreende que José Veríssimo seja analisado num domínio muito mais amplo do que aquele que seria recortado se levasse em conta apenas as relações entre crítico literário e literatura.

O autor distingue na produção de José Veríssimo três “modelos” distintos e procede à sua avaliação: “Trata-se de fazer o levantamento, com a perspectiva oferecida pelo tempo, dos acertos de sua abordagem crítica e das incompreensões a que foi levado por esta mesma maneira de enfocar os problemas literários e, mais amplamente, culturais”. (p. 23).

A primeira fase (1878-1890) é dominada, no que se refere à crítica literária, pelo ensaio “A Literatura Brasileira — Sua Formação e Destino”, que por um lado mostra a carência de originalidade da literatura brasileira e por outro aponta o estudo etnológico e histórico como caminhos para a sua regeneração. A falta de originalidade era, para Veríssimo, resultado de três ausências, a de uma tradição nacional, de uma língua nacional e de uma educação nacional. O seu critério de avaliação das obras literárias era por esse tempo o da nacionalidade, e em seus primeiros ensaios de crítica procurava integrar à sua linguagem os elementos provenientes das suas leituras positivistas e dos seus primeiros estudos de Etnologia. João Alexandre Barbosa chama a

atenção para a defasagem entre o modelo “positivo” do autor e a sua prática crítica, entre a cientificidade do seu esquema de interpretação e a maneira como na realidade redige as suas notas críticas.

Segue-se a esta a fase em que a literatura é encarada no quadro mais amplo da cultura nacional, uma outra (1891-1900) em que Veríssimo se concentra nas produções especificamente literárias: aos *Estudos Brasileiros* correspondem agora os *Estudos de Literatura Brasileira*. E o modelo não é mais o científico mas sim o do impressionismo crítico de Anatole France e de Jules Lemaitre. E a partir de 1901, mostra João Alexandre Barbosa que a obra de José Veríssimo reflete a dualidade de uma aspiração pela especificidade da crítica literária e de um intuito de participação, através das letras, na vida nacional.

Não só o livro de João Alexandre Barbosa se apresenta como uma indagação teórica e não como uma reconstituição histórica do pensamento de José Veríssimo, como também ele pretende ir além de caso individual: “procuramos a extração de alguns modelos válidos, a nosso ver, não apenas para José Veríssimo como para toda uma extensa faixa da reflexão e da linguagem críticas no Brasil entre as três últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do XX”.

MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA.